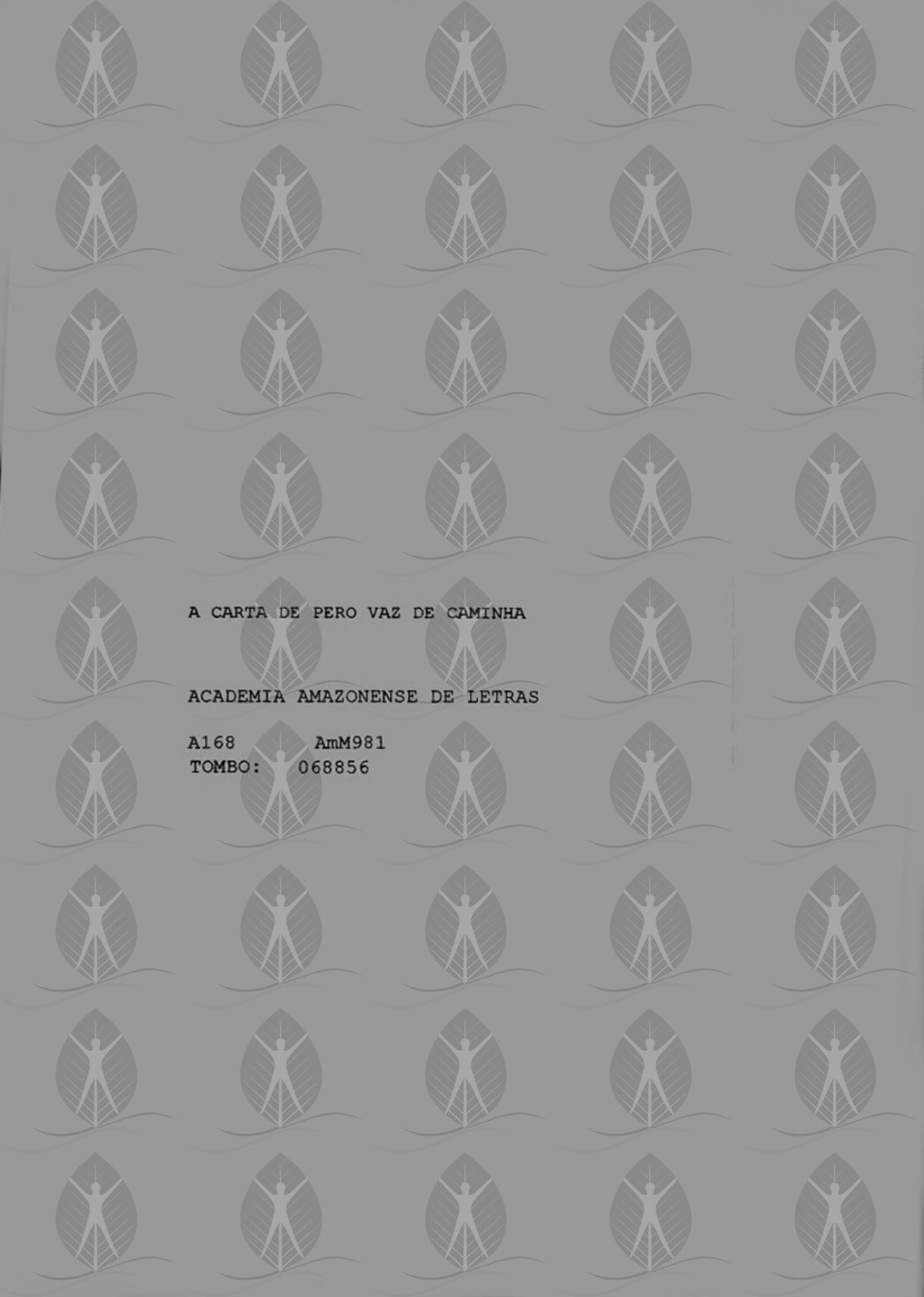


A Carta de
Pero Vaz
de Caminha



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS



A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

A168 AmM981
TOMBO: 068856

BIBLIOTECA PÚBLICA
DO ESTADO

Manaus

Amazonas



ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

A CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

EDIÇÃO COMEMORATIVA DOS 500 ANOS DO BRASIL

17mm
921
c1830

Manaus – 2000

DIRETORIA DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS – 2000-2001

Presidente: Max Carpentier Luiz da Costa

Vice-Presidente: Jauary Guimarães de Souza Marinho

Secretário-Geral: José dos Santos Pereira Braga

Secretário-Adjunto: Gebes de Mello Medeiros

Tesoureiro: Ruy Alberto Costa Lins

Tesoureiro-Adjunto: Arlindo Augusto dos Santos Porto

Diretor do Patrimônio: Áderson Pereira Dutra

Capa e Ilustrações: Marcos de Paula

Revisão: Sergio Luiz Pereira

Editoração Eletrônica: Lídia Santos da Silva

Ficha Catalográfica

Elaborada pela Coordenação de Editoração da UA

Academia Amazonense de Letras

A Carta de Pero Vaz de Caminha / Academia Amazonense de Letras. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2000.

47 p. 22 cm

1. História do Brasil I. Título.

CDD 981.03

CDU930.98

ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

Fundada em 1.º de janeiro de 1918.

Inscrita na Federação das Academias de Letras do Brasil.

Sede: Rua Ramos Ferreira, nº 1009

Fone: 092 XX 234-0584

C.E.P.: 69.010-120

Manaus – Amazonas – Brasil

Apresentação

Com esta edição da Carta de Pero Vaz de Caminha, a Academia Amazonense de Letras comemora os 500 anos do Brasil.

Reproduz-se aqui, integralmente, o texto original, conforme adotado no livro de Leonardo Arroyo (*A Carta de Pero Vaz de Caminha*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1971), já adaptadas muitas das feições do distante português quinhentista.

O significado geopolítico e sentimental da Carta suprime o oceano, reúne os continentes no tempo-espaço da História, e funda a nossa esperança entre as palmeiras. Gerações e épocas se animam ao sopro de vida que providencialmente enfunam essas páginas. Não é apenas certidão de batismo, é também um pouco a constituição do futuro.

O acadêmico Armando de Menezes recapitulou as aulas que deu à nossa juventude, escrevendo-nos a introdução ao mundo da crônica de Caminha. O artista plástico Marcos de Paula mergulhou em sua inspiração amazônica e ressurgiu nas praias do descobrimento com três belas iluminuras nas mãos. O saber e o sentir amazonenses acrescentam-se ao fundamental documento, honrando as tradições da Academia.

Os leitores receberão com reverente afeto a Carta, que há muito ultrapassou as disputas ideológicas, e inscreveu-se no patrimônio mais amável da Terra de Vera Cruz.

Max Carphentier

Presidente da Academia Amazonense de Letras

Introdução

Antes de cuidar-se da Carta de Caminha propriamente dita é oportuno fazer alguns esclarecimentos que tornarão explicitadas personalidades e/ou autoridades nela mencionadas mas sem os respectivos nomes, além da verdadeira atividade funcional do seu autor e correção na data do descobrimento.

Apesar da não nominação na missiva, o Capitão-mor da expedição que descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, o que, por sinal, está no conhecimento de todos nós brasileiros.

E a epístola narradora do acontecimento destinou-se a D. Manuel I, o Venturoso, então rei de Portugal.

Chamava-se Gaspar de Lemos o comandante e emissário que retornou ao reino português levando a notícia do descobrimento.

Pero Vaz de Caminha, nascido no Porto e autor da Carta, não integrava a frota de Cabral, como seu escrivão, como errônea e comumente é citado por muitos, porque, na verdade, fazia sim parte da expedição mas como escrivão devidamente nomeado para a feitoria que se ia instalar em Calicut, na Índia. Sua escolha para elaborar a carta decorreu da sua atividade profissional e do seu preparo intelectual, embora, modestamente, ao dirigir-se ao soberano português, informando-o do *...achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha*

conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

O original da carta de Pero Vaz de Caminha que se encontra no arquivo da Torre do Tombo, em Lisboa, esteve durante 317 anos no esquecimento e que, segundo Mário da Veiga Cabral (*In: História do Brasil – Curso Superior – 18. ed., pág. 22, 1954*), só em 1817 foi pela primeira vez publicada na *Impressão Régia do Rio de Janeiro*, na obra *'Corografia Brasílica'*, de Manuel Aires de Casal, natural de Pedrógão, em Portugal, e Presbítero secular do Grão Priorato do Crato. Saiu, porém, incorreta, pois, como bem diz o dr. Zeferino Cândido na sua obra *"Brasil"* (pág. 139). O pudor obrigou o padre a truncar-lhe os belos períodos, que descrevem a vida e os costumes dos índios, como Rochefoucauld fazia às estátuas, cobrindo-lhes as partes púdicas com folhas de parra.

Mas somente com a sua publicação, naquele ano de 1817, é que foi possível a identificação correta do local, na Bahia, onde Cabral ancorara os seus navios e, também, a verdadeira data do descobrimento, pois até então e mesmo há poucas décadas as festividades, pelo acontecimento, verificavam-se a 3 de maio.

Ora, a 3 de maio, como se verá na Carta, Cabral e seus comandados já haviam zarpado rumo às Índias.

Outro argumento falho, como ensina Mário da Veiga Cabral (o. c. – pág. 19):

Quando o Brasil foi descoberto em 22 de abril de 1500, seguia-se o calendário Juliano.

No ano de 1582, isto, 82 anos depois daquele feito, sendo papa Gregório XIII, resolveu êste introduzir uma reforma no calendário, mandando suprimir os 10 dias existentes entre 4 e 15 de outubro daquele ano

Essa reforma conhecida pelo nome de gregoriana, nada influe, porém, sôbre o resultado a que se chegou:

1.º) porque feita a correção dos dez dias, o descobrimento do Brasil cái em 2 de maio e não em 3;

2.º) porque tal reforma não podia nem devia ter efeito retroativo, pois a ser assim ter-se-ia de alterar tôdas as datas já consagradas.

Por que razão a descoberta da América continua até hoje a ser comemorada em 12 de outubro, pelo calendário Juliano? Não tem fundamento, portanto, o que se tem alegado para justificar o descobrimento do Brasil em 3 de maio. – (Foi observada a ortografia original).



A Carta de Pero Vaz de Caminha é tida, por muitos estudiosos, como a Certidão de Batismo do Brasil.

E Ferdinand Denis que, em 1821, a traduziu para o francês e a fez publicar no Journal del Voyages, em Paris, conceituou seu autor:

Graças ao raro talento de observação, de que era dotado, graças sobretudo à fácil ingenuidade do seu estilo, o Brasil teve um historiador no primeiro dia do seu descobrimento. – (O. C. de Mário da Veiga Cabral – pág. 22).

Nesse documento histórico está narrada dia após dia a permanência da expedição de Cabral no Brasil e os contatos com a terra e a gente que a habitava, que, com a colonização, se ficou a saber tratar-se dos índios tupiniquins.

No seu início, Caminha registra, em breves palavras, a partida da esquadra de Belém, Portugal, numa segunda-feira, a 9 de março de 1500; a passagem pelas Ilhas Canárias, no sábado, dia 14; e depois, domingo, 22, pelas de Cabo Verde.

Conta, também, que, ao amanhecer do dia seguinte, 23, foi dada a falta da nau comandada por Vasco de Ataíde que, procurada, não mais foi encontrada.

E assim seguimos nosso caminho – é o relato do autor –, por este mar de longo, até terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos sinais de terra...

Então, a 22 de abril foi avistado um grande monte e *outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã* (lugar plano), *com grandes arvoredos; ao qual monte alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz.*

A seguir, alguns esclarecimentos.

Do convívio com a terra, os descobridores pensaram ser o Brasil uma grande ilha, daí haver Caminha, ao fecho de sua epístola, assegurar ao Rei: ... *da Vossa Ilha de Vera Cruz*.

Coube a D. Manuel I alterar essa denominação, chamando-a de Terra de Santa Cruz em correspondência, um ano depois, ao Rei espanhol, na qual lhe dava ciência do novo achado.

O nome definitivo – de Brasil –, só ocorreria cerca de 4 anos após o descobrimento, diante da existência, como todos nós brasileiros sabemos, da madeira avermelhada conhecida como pau-brasil, aqui existente.

A 23, a frota aproximou-se o mais que pôde da terra e a 24, a mando de Cabral, os navios menores, seguidos a distância pelos maiores, singraram rumo ao norte na busca de um *porto seguro*, até que este foi encontrado em uma enseada, e que é a atual baía Cabralia, onde estavam situados vários ilhéus, incluindo o depois chamado de Coroa Vermelha, lugar em que a 26 de abril, domingo de Pascoela, foi rezada a primeira missa no Brasil, sendo oficiante frei Henrique Soares (de Coimbra). A baía Cabralia integra Porto Seguro, na Bahia, onde irão, no próximo 22 de abril, ser comemorados os *500 anos do Descobrimento do Brasil*.

Entre os dias 24 e 30 de abril e, ainda, 1.º de maio, foram realizados contatos com os habitantes da nova terra.

Os índios, em momento algum, hostilizaram os integrantes da esquadra, que, é bom dizer também, os tratavam de modo respeitoso e carinhoso, ocorrendo inclusive a troca de presentes entre os da terra e os alienígenas. A aproximação fez-se tão espontânea e amigável que os índios brincavam, pulavam e dançavam com os visitantes, sob a tocatá de gaita que estes promoviam.

Os dois primeiros índios que subiram à nau capitânia deram sinal da existência de ouro e prata na nova terra, tal acontecendo quando um deles notara esses metais preciosos no colar de ouro do capitão e em um castiçal de prata, fazendo *acenos com a mão em direção a terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!* – como esclarece Caminha.

Esses dois índios receberam presentes e ingeriram, mas com alguma rejeição, a comida de bordo, onde dormiram até o amanhecer do outro dia.

Andando nus e acompanhados de seus arcos e flechas, logo os faziam deitar ao chão desde que, por acenos, os portugueses assim pedissem.

Procurando servir, em agradecimento ao tratamento e aos presentes que lhes eram dados, os índios abasteciam as naus com água e lenha, ajudando os tripulantes naquele trabalho e acompanhando, ainda, com gestos, os descobridores durante o oficiamento

das duas missas – de 26 de abril e de 1.º de maio, sendo que, ao final desta última, rezada para a tomada de posse da terra diante de grande cruz produzida em madeira local contendo as armas do Reinado Português, todos eles, presentes ao ato religioso, beijaram aquele marco seguindo, exatamente, o que faziam os navegantes do além-mar.

A 2 de maio, a expedição de Cabral retomou o caminho das Índias, enquanto Gaspar de Lemos voltava a Portugal levando a notícia do descobrimento.

Foram deixados na nova terra dois grumetes (praças inferiores da armada) que, na noite anterior à partida haviam fugido de bordo, e dois degredados (condenados a cumprir pena em degredo, no caso seria na Índia), sendo eles: Afonso Ribeiro e João de Tomar, este não revelado na carta.



Por ocasião dos primeiros ensinamentos sobre o descobrimento do Brasil, todos somos informados de rudimentos da Carta de Pero Vaz de Caminha.

Aos que alcançam o ensino superior os detalhes da epístola, em maior riqueza, lhes são transmitidos.

De resto, poucos, muito poucos mesmo, já tomaram conhecimento ou leram a Carta de Caminha, exceções, naturalmente, feita a professores e pesquisadores.

Daí a louvação que se há de tecer à Academia Amazonense de Letras, na pessoa do seu jovem e eminente Presidente, intelectual Max Carphentier Luiz da Costa, que, com a publicação e divulgação da Carta de Pero Vaz de Caminha, vai ensejar aos estudantes de nossa terra a que passem a conhecer as particularidades que cercaram o descobrimento e o primeiro autor da História do Brasil.

Armando de Menezes

Da Academia Amazonense de Letras
Manaus, março de 2000.

A Carta de Pero Vaz de Caminha

Senhor, posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim (mesmo) os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

Intróito

Todavia tome a Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar, nem afeiar, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza – porque o não saberei fazer – e os pilotos devem ter este cuidado.

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo:

E digo que:

A viagem

A partida de Belém foi – como Vossa Alteza sabe, segunda-feira, 9 de março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária. E ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, havemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Na noite seguinte à segunda-feira (*quando*) amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para (*isso*) poder ser!

Fez o capitão suas diligências para o achar, em umas e outras partes. Mas... não apareceu mais!

E assim seguimos nosso caminho, por este mar de longo, até que terça-feira das Oitavas de Páscoa, que foram 21 dias de abril, topamos alguns sinais de terra, estando (*distantes*) da dita Ilha – segundo os pilotos diziam, obra de 660 ou 670 léguas – os quais (*sinais*) eram muita quantidade de ervas compridas, a que os mareantes chamam botelho, e assim mesmo outras a que dão o nome de rabo-de-asno. E quarta-feira seguinte, pela manhã, topamos aves a que chamam fura-buchos.



Manfredi della Paella

A terra

Neste mesmo dia, a horas de véspera, houve vista de terra! A saber, primeiramente de um grande monte, muito alto e redondo; e de outras serras mais baixas ao sul dele; e de terra chã, com grandes arvoredos; ao qual alto o capitão pôs o nome de O Monte Pascoal e à terra A Terra de Vera Cruz!

Quinta-feira, dia 23 de abril

Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças. E ao sol-posto umas seis léguas da terra, lançamos âncoras, em dezenove braços – ancoragem limpa. Ali ficamo-nos toda aquela noite. E quinta-feira, pela manhã, fizemos vela e seguimos em direitura à terra, indo os navios pequenos diante – por dezesseis, quinze, cartoze, doze, nove braças – até meia-légua da terra, onde todos lançamos âncoras, em frente da boca de um rio. E chegaríamos a esta ancoragem às dez horas, pouco mais ou menos.

Os homens

E dali avistamos homens que andavam pela praia, uns sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos que chegaram primeiro.

Então lançamos fora os batéis e esquifes. E logo vieram todos os capitães das naus a esta nau do Capitão-mor. E ali falaram. E o Capitão mandou em terra a Nicolau Coelho para ver aquele rio. E tanto que ele começou a ir-se para lá, acudiram pela praia homens aos dois e aos três, de maneira que, quando o batel chegou à boca do rio, já lá estavam dezoito ou vinte.

O barrete vermelho

Pardos, nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Traziam arcos nas mãos, e suas setas. Vinham todos rijamente em direção ao batel. E Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os depuseram. Mas não pôde deles haver fala nem atendimento que aproveitasse, por o mar quebrar na costa. Somente arremessou-lhe um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça, e um sombreiro preto. E um deles lhe arremessou um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas, como de papagaio. E outro lhe deu um ramal grande de continhas brancas, miúdas que querem parecer de aljôfar, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza. E com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

Sexta-feira, dia 24 de abril

À noite seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez caçar as naus. E especialmente a Capitania. E sexta pela manhã, às oito horas, pouco mais ou menos, por conselho dos pilotos, mandou o Capitão levantar âncoras e fazer vela. E fomos de longo da costa, com os batéis e esquifes amarrados na popa, em direção norte, para ver se achávamos alguma abrigada e bom pouso, onde nós ficássemos, para tomar água e lenha. Não por nos já minguar, mas por nos prevenirmos aqui. E quando fizemos vela estariam já na praia assentados perto do rio obra de sessenta ou setenta homens que se haviam juntado ali aos poucos. Fomos ao longo, e mandou o Capitão aos navios pequenos que fossem mais chegados a terra e, se achassem pouco seguro para naus, que amainasse.

E velejando nós pela costa, na distância de dez léguas do sítio onde tínhamos levantado ferro, acharam os ditos navios pequenos um recife com um porto dentro, muito bom e muito seguro, com uma mui larga entrada. E meteram-se dentro e amainaram. E as naus foram-se chegando, atrás deles. E um pouco antes de sol-posto amainaram também, talvez a uma légua do recife, e ancoraram a onze braças.

O porto

E estando Afonso Lopes, nosso piloto, em um daqueles navios pequenos, foi, por mandado do Capitão, por ser homem vivo e des-

tro para isso, meter-se logo no esquife a sondar o porto dentro. E tomou dois daqueles homens da terra que estavam numa almadia: mancebos e de bons corpos. Um deles trazia um arco, e seis ou sete setas. E na praia andavam muitos com seus arcos e setas; mas não os aproveitou. Logo, já de noite, levou-os à Capitania, onde foram recebidos com muito prazer e festa.

O Homem e a terra

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixar de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-nos ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de

ave amarela, que seria do comprimento de um coto, muito basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como cera (*mas não era cera*), de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia minguia mais lavagem para a levantar.

Surpresa e cortesia

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com ele íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de (*querer*) falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção a terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

Mostraram-lhes um papagaio pardo que o Capitão traz consigo; tomaram-no logo na mão e acenaram para a terra, como se houvesse ali.

Mostraram-lhes um carneiro; não fizeram caso dele.

Mostraram-lhes uma galinha; quase tiveram medo dela, e não lhe queriam pôr a mão. Depois lhe pegaram, mas como espantados.

Deram-lhes ali de comer: pão e peixe cozido, confeitos, farteis, mel, figos passados. Não quiseram comer daquilo quase nada; e se provavam alguma coisa, logo a lançavam fora.

Trouxeram-lhes vinho em uma taça; mal lhe puseram a boca; não gostaram nada, nem quiseram mais.

Trouxeram-lhes água em uma albarrada, provaram cada um o seu bochecho, mas não beberam; apenas lavaram as bocas e lançaram-na fora.

Desejo de ouro

Viu um deles uma contas de rosário, brancas; fez sinal que lhas dessem, e folgou muito com elas, e lançou-as ao pescoço; e depois tirou-as e meteu-as em volta do braço, e acenava para a terra e novamente para o colar do Capitão, como se dariam ouro por aquilo.

Isto tomávamos nós nesse sentido, por assim o desejarmos! Mas se ele queria dizer que levaria as contas e mais o colar, isto não queríamos nós entender, por que lho não havíamos de dar! E depois tornou (*a entregar*) as contas a quem lhas dera. E então estiraram-se de costas de alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas; e as cabeleiras delas estavam bem rapadas e feitas.

O Capitão mandou pôr por baixo da cabeça de cada um seu coxim; e o da cabeleira esforçava-se por não a estragar. E deitaram um manto por cima deles; e consentido, aconchegaram-se e adormeceram.

Sábado, dia 25 de abril

Sábado pela manhã mandou o Capitão fazer vela, fomos demandar a entrada, a qual era mui larga e tinha seis a sete braças de fundo. E entraram todas as naus dentro, e ancoraram em cinco ou seis braças – ancoradouro que é tão grande e tão formoso de dentro, e tão seguro que podem ficar nele mais de duzentos navios e naus. E tanto que as naus foram distribuídas e ancoradas, vieram os capitães todos a esta nau do Capitão-mor.

Presentes

E daqui mandou o Capitão que Nicolau Coelho e Bartolomeu Dias fossem em terra e levassem aqueles dois homens, e os deixassem ir com seu arco e setas aos quais mandou dar a cada um, uma camisa nova e uma carapuça vermelha e um rosário de contas brancas de osso, que foram levando nos braços, e um cascavel e uma campainha. E mandou com eles para lá ficar, um mancebo degredado, criado de dom João Telo, de nome Afonso Ribeiro, para lá andar com eles e saber de seu viver (*das suas* maneiras. E a mim mandou

BIBLIOTECA PÚBLICA
DO ESTADO

1988

AMAZONAS

que fosse com Nicolau Coelho. Fomos assim de frecha direitos à praia. Ali acudiram logo perto de duzentos homens, todos nus, com arcos e setas nas mãos. Aqueles que nós levamos acenaram-lhes que se afastassem e depusessem os arcos.

O degradedo

E eles os depuseram. Mas não se afastaram muito. E mal tinham pousado seus arcos quando saíram os que nós levávamos, e o mancebo degradedo com eles. E saídos não pararam mais; nem esperavam um pelo outro, mas antes corriam a quem mais correria. E passaram um rio que aí corre, de água doce, de muita água que lhes dava pela braga. E muitos outros com eles. E foram assim correndo para além do rio entre umas moitas de palmeira onde estavam outros. E ali pararam. E naquilo tinha ido o degradedo com um homem que, logo ao sair do batel, o agasalhou e levou até lá. Mas logo o tornaram a nós. E com ele vieram os outros que nós leváramos, os quais vinham já nus e sem carapuças.

Colaboração

E então se começaram de chegar muitos; e e entravam pela beira do mar para os batéis, até que mais não podiam. E traziam cabças d'água, e tomavam alguns barris que nós levávamos e enchiam-nos de água e traziam-nos aos batéis. Não que eles de todo che-

gassem a bordo do batel. Mas junto a ele, lançavam-nos da mão. E nós tomávamo-los. E pediam que lhes dessem alguma coisa.

Levava Nicolau Coelho cascavéis e manilhas. E a uns dava um cascavel, e a outros uma manilha, de maneira que com aquela encarna quase que nos queriam dar a mão. Davam-nos daqueles arcos e setas em troca de sombreiros e carapuças de linho, e de qualquer coisa que a gente lhes queria dar.

Dali se partiam os outros, dois mancebos, que não os vimos mais.

Dos que ali andavam, muitos – quase a maior parte – traziam aqueles bicos de osso nos beiços.

E alguns, que andavam sem eles, traziam os beiços furados e nos buracos traziam uns espelhos de pau, que pareciam espelhos de borracha. E alguns deles traziam três daqueles bicos, a saber um no meio, e os dois nos cabos.

E andavam lá outros, quartejados de cores, a saber metade deles da sua própria cor, e metade de tintura preta, um tanto azulada: e (*ainda*) outros quartejados d'escaques.

As mulheres

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito preto e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras

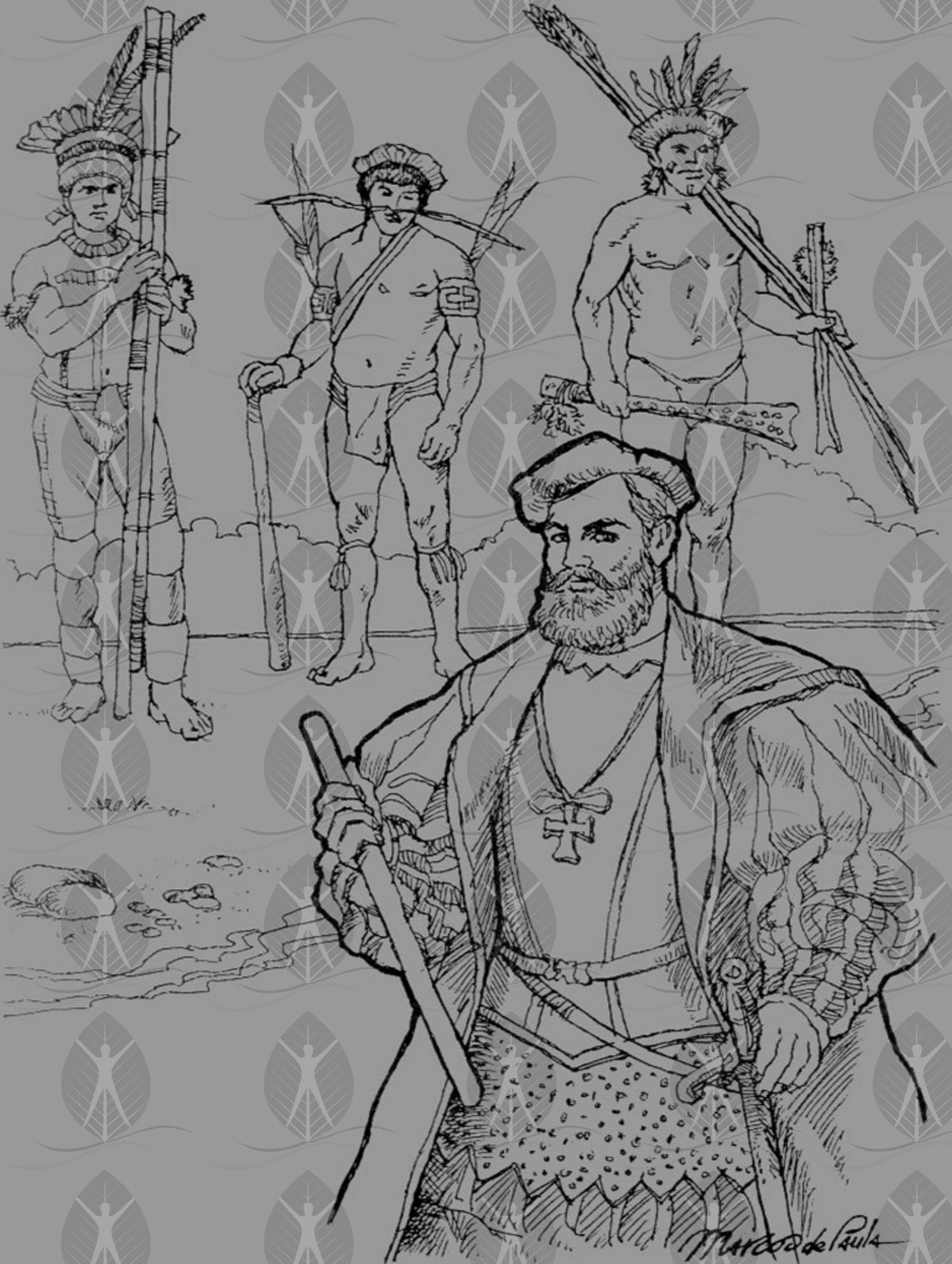
que, de as nós muito bem olharmos, não se envergonhavam (*ou: não nos envergonhamos*).

O degredado de novo

Ali por então não houve mais fala ou entendimento com eles, por a barbaria deles ser tamanha que se não entendia nem ouvia ninguém. Acenamos-lhes que se fossem. E assim o fizeram e passaram-se para além do rio. E saíram três ou quatro homens nossos dos batéis, e encheram não sei quantos barris d'água que nos levávamos. E tornamo-nos às naus. E quando assim vínhamos, acenaram-nos que voltássemos. Voltamos, e eles mandaram o degredado e não quiseram que ficasse lá com eles, o qual levava uma bacia pequena e duas ou três carapuças vermelhas para lá as dar ao senhor, se o lá houvesse. Não trataram de lhe tirar coisa alguma, antes mandaram-no com tudo. Mas então Bartolomeu Dias o fez outra vez tornar, que lhe desse aquilo. E ele tornou e deu aquilo, em vista de nós a aquele que o da primeira (*vez*) agasalhara. E então veio-se, e nós levamo-lo.

O encanto das vergonhas

Esse que o agasalhou era já de idade, e andava por galanteria, cheio de penas, pegadas pelo corpo, que parecia seteado como São Sebastião. Outros traziam carapuças de penas amarelas; e outros, de



vermelhas; e outros de verdes. E uma daquelas moças era toda tingida de baixo a cima, daquelas tintura e certo era tão bem-feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha!) tão graciosa que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhe tais feições envergonhada, por não terem as suas como ela. Nenhum deles era fanado, mas (*antes*) todos assim como nós.

O passeio

À tarde saiu o Capitão-mor em seu batel com todos nós outros capitães das naus em seus batéis a folgar pela baía, perto da praia. Mas ninguém saiu em terra, por o Capitão o não querer, apesar de ninguém estar nela. Apenas saiu – ele com todos nós – em um ilhéu grande que está na baía, o qual, aquando baixa-mar, fica mui vazio. Como tudo está de todas as partes cercado de água, de sorte que ninguém lá pode ir, a não ser de barco ou a nado. Ali folgou ele, e todos nós, bem uma hora e meia. E pescaram lá, andando alguns marinheiros com um chinchorro; e mataram peixe miúdo, não muito. E depois volvemo-nos às naus, já bem noite.

Domingo, dia 26 de abril

Ao domingo de Pacoela pela manhã, determinou o Capitão ir ouvir missa e sermão naquele ilhéu. E mandou a todos os capitães

que se arranjasse nos batéis e fossem com ele. E assim foi feito. Mandou armar um pavilhão naquele ilhéu, e dentro levantar um altar mui bem-arranjado.

Missa no ilhéu

E ali com todos nós outros fez dizer missa, a qual disse o padre Frei Henrique, em voz entoada, e oficiada com aquela mesma voz pelos outros padres e sacerdotes que todos assistiram, a qual missa, segundo meu parecer, foi ouvida por todos com muito prazer e devoção.

Ali estava com o Capitão a bandeira (*da Ordem de Cavalaria*) de Cristo, com que saíra de Belém, a qual esteve sempre bem alta, da parte do Evangelho.

Pregação

Acabada a missa, desvestiu-se o padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação, da história evangélica; e no fim tratou da nossa vida, e do achamento desta terra, referindo-se à Cruz, sob cuja obediência viemos, (*lembrança*) que veio muito a propósito, e fez muita devoção.

Enquanto assistimos à missa e ao sermão, estaria na praia outra tanta gente, pouco mais ou menos, como a de ontem, com seus

arcos e setas, e andava folgando. E olhando-nos, sentaram. E depois de acabada a missa, quando nós sentados atendíamos à pregação, levantaram-se muitos deles e tangeram corno ou buzina e começaram a saltar e dançar um pedaço.

As almadias

E alguns deles se metiam em almadias – duas ou três que lá tinham – as quais não são feitas como as que eu vi; apenas são três traves, atadas juntas. E ali se metiam quatro ou cinco, ou esses que queriam, não se afastando quase nada da terra, só até onde podiam tomar pé.

Acabada a pregação encaminhou-se o Capitão, com todos nós, para os batéis, com nossa bandeira alta. Embarcamos e fomos indo em direção a terra para passarmos ao longo por onde eles estavam, indo na dianteira, por ordem do Capitão, Bartolomeu Dias em seu esquife, com um pau de uma almadia que lhes o mar levara, para o entregar a eles. E nós todos trás dele, à distância de um tiro de pedra.

Como vieram o esquife de Bartolomeu Dias, chegaram-se logo todos à água, metendo-se nela até onde mais podiam. Acenaram-lhes que pousassem os arcos e muitos deles os iam logo pôr em terra; e outros não os punham.

Tintura

Andava lá um que falava muito aos outros, que se afastassem. Mas não já que a mim me parecesse que lhe tinham respeito ou medo. Este que os assim andava afastando trazia seu arco e setas. Estava tinto de tintura vermelha pelos peitos e costas e pelos quadris, coxas e pernas até baixo, mas os vazios com a barriga e estômago eram de sua própria cor. E a tintura era tão vermelha que a água lha não comia nem desfazia. Antes, quando saía da água, era mais vermelho. Saiu um homem do esquife de Bartolomeu Dias e andava no meio deles, sem implicarem nada com ele, e muito menos ainda pensavam em fazer-lhe mal. Apenas lhe davam cabaças d'água; e acenavam aos do esquife que saíssem em terra. Com isso se voltou Bartolomeu Dias ao Capitão. E viemo-nos às naus, a comer, tangendo trombetas e gaitas, sem os mais constranger. E eles tornaram-se a sentar na praia, e assim por então ficaram.

Pesca

Neste ilhéu, onde fomos ouvir missa e sermão, espraia muito a água e descobre muita areia e muito cascalho. Enquanto lá estávamos foram alguns buscar marisco e não no acharam. Mas acharam alguns camarões grossos e curtos, entre os quais vinha um muito grande e muito grosso; que em nenhum tempo o vi tamanho. Também acharam cascas de berbigões e de amêijoas, mas não toparam

com nenhuma peça inteira. E depois de termos comido vieram logo todos os capitães a esta nau, por ordem do Capitão-mor, com os quais ele se aportou; e eu na companhia. E perguntou a todos se nos parecia bem mandar a nova do achamento desta terra a Vossa Alteza pelo navio dos mantimentos, para a melhor mandar descobrir e saber dela mais do que nós podíamos saber, por irmos na nossa viagem.

A boa nova

E entre muitas falas que sobre o caso se fizeram foi dito, por todos ou a maior parte, que seria muito bem. E nisto concordavam. E logo que a resolução foi tomada, perguntou mais, se seria bem tomar aqui por força um par destes homens para os mandar a Vossa Alteza, deixando aqui em lugar deles outros dois destes degredados.

O problema

E concordaram em que não era necessário tomar por força homens, porque costume era dos que assim à força levavam para alguma parte dizerem que há de tudo quanto lhes perguntam; e que melhor e muito informação da terra dariam dos homens desses degredados que aqui deixássemos do que eles dariam se os levassem por ser gente que ninguém entende. Nem eles cedo aprenderiam a

falar para o saberem tão bem dizer que muito melhor estoutros o não digam quando cá Vossa Alteza mandar.

E que portanto não cuidássemos de aqui por força tomar ninguém, nem (*de*) fazer escândalo; mas sim, para os de todo amansar e apaziguar, unicamente de deixar aqui os dois degredados quando daqui partíssemos.

E assim ficou determinado por parecer melhor a todos.

Acabado isto, disse o Capitão que fôssemos nos batéis em terra. E ver-se-ia bem, quejando era o rio. Mas também para folgarmos.

Confraternização

Fomos todos nos batéis em terra, armadas; e a bandeira conosco. Eles andavam ali na praia, à boca do rio, para onde nós íamos; e, antes que chagássemos, pelo ensino que dantes tinham, puseram todos os arcos, e acenaram que saíssemos. Mas, tanto que os batéis puseram as proas em terra, passaram-se logo todos além do rio, o qual não é mais ancho que um jogo de mancal. E tanto que desembarcamos, alguns dos nossos passaram logo o rio, e meteram-se entre eles. E alguns aguardavam; e outros se afastavam. Com tudo, a coisa era de maneira que todos andavam misturados. Eles davam desses arcos com suas setas por sombreiros e carapuças de linho, e por qualquer coisa que lhes davam. Passaram além tantos dos nossos e andaram assim misturados com eles, que eles se esquivavam, a

afastavam-se; e iam alguns para cima, onde outros estavam. E então o Capitão fez que o tomassem ao colo dois homens e passou o rio, e fez tornar a todos. A gente que ali estava não seria mais que aquela do costume. Mas logo que o Capitão chamou todos para trás, alguns se chegaram a ele, não por o reconhecerem por Senhor (visto que parece que não compreendem nem entendem isso), mas porque a gente, nossa, já passava para aquém do rio. Ali falavam e traziam muitos arcos e continhas, daquelas já ditas, e resgatavam-nas por qualquer coisa, de tal maneira que os nossos levaram dali para as naus muitos arcos, e setas e contas.

Pintura

E então tornou-se o Capitão para aquém do rio. E logo acudiram muitos à beira dele.

Ali veríeis galantes, pintados de preto e vermelho, e quartejados, assim pelos corpos como pelas pernas, que, certo, assim pareciam bem. Também andavam entre eles quatro ou cinco mulheres, novas, que assim nuas, não pareciam mal. Entre elas andava uma, com uma coxa, do joelho até o quadril e a nádega, toda tingida daquela tintura preta; e todo o resto da sua cor natural. Outra trazia ambos os joelhos com as curvas assim tintas, e também os colos dos pés; e suas vergonhas tão nuas, e com tanta inocência assim descobertas, que não havia nisso desvergonha nenhuma.

Também andava lá outra mulher, nova, com um menino ou menina, atado com um pano (não sei de quê) aos peitos, de modo que não se lhe viam senão as perninhas. Mas nas pernas da mãe, e no resto, não havia pano algum.

O afã do ouro

Em seguida o Capitão foi subindo ao longo do rio, que corre rente à praia. E ali esperou por um velho que trazia na mão uma pá de almadia. Falou, enquanto o Capitão estava com ele, na presença de todos nós; mas ninguém o entendia, nem ele a nós, por mais coisas que a gente lhe perguntava com respeito a ouro, porque desejávamos saber se o havia na terra.

A pedra

Trazia este velho o beijo tão furado que lhe cabia pelo buraco um grosso dedo polegar. E trazia metido no buraco uma pedra verde, de nenhum valor, que fechava por fora aquele buraco. E o Capitão lha fez tirar. E ele não sei que diabo falava e ia com ela para a boca do Capitão para lha meter. Estivemos rindo um pouco e dizendo chalaças sobre isso. E então enfadou-se o Capitão, e deixou-o. E um dos nossos deu-lhe pela pedra um sombreiro velho; não por ela

valer alguma coisa, mas para amostra. E depois houve-a o Capitão, creio, para mandar com as outras coisas a Vossa Alteza.

Andamos por aí vendo o ribeiro, o qual é de muita água muito boa. Ao longo dele há muitas palmeiras, não muito altas; e muito bons palmitos. Colhemos e comemos muitos dele.

Depois tornou-se o Capitão para baixo para a boca do rio, onde tínhamos desembarcado.

A festa

E além do rio andavam muitos deles dançando e folgando, uns diante os outros, sem se tomarem pelas mãos. E faziam-no bem. Passou-se então para a outra banda do rio Diogo Dias, que fora almoxarife de Sacavém, o qual é homem gracioso e de prazer. E levou consigo um gaiteiro nosso com sua gaita. E meteu-se a dançar com ele, tomando-os pelas mãos; e eles folgavam e riam e andavam com ele muito bem ao som da gaita. Depois de dançaram fez-lhes ali muitas voltas ligeiras, andando no chão, e salto real, de que eles espantavam e riam e folgavam muito, tomavam logo uma esquiveza como de animais montezes, e foram-se para cima.

E então passou o rio o Capitão com todos nós, e fomos pela praia, de longo, ao passo que os batéis iam rentes a terra. E chegamos a uma grande lagoa de água doce que está perto da praia, porque toda aquela ribeira do mar e apaulada por cima e sai a água por muitos lugares.

E depois de passarmos o rio, foram uns sete ou oito deles meter-se entre os marinheiros que se recolhiam aos batéis, E levaram dali um tubarão que Bartolomeu Dias matou. E levavam-lho; e lançou-o na praia.

Bastará (*isso para Vossa Alteza ver*) que até aqui, como quer que se lhes em alguma parte amansassem, logo de uma mão para outra se esquivavam, como pardais (*com medo*) do cevadouro. Ninguém não lhes ousa falar de rijo para não se esquivarem mais. E tudo se passa como eles querem – para os bem amansarmos!

Gente esquiva

Ao velho com quem o Capitão havia falado, deu-lhe uma carapuça vermelha. E com toda a conversa que ele houve, e com a carapuça que lhe deu tanto que se despediu e começou a passar o rio, foi-se logo recatando. E não quis mais tonar do rio aquém. Os outros dois o Capitão teve nas naus, aos quais deu o que já ficou dito, nunca mais aqui apareceram – fatos de que deduzo que é gente bestial e de pouco saber, e por isso tão esquiva. Mas apesar de tudo isso andam bem curados, e muito limpos. E naquilo ainda mais me convenço que são como aves, ou alimárias montesinhas, às quais o ar faz melhores penas e melhor cabelo que às mansas, porque os seus corpos são tão limpos e tão gordos e tão formosos que não pode ser mais! E isto me faz presumir que não têm casas nem moradias em

que se recolham; e o ar em que se criam os faz tais. Nós pelo menos não vimos até agora nenhuma casa, nem coisa que se pareça com elas.

O degredado de novo

Mandou o Capitão aquele degredado, Afonso Ribeiro, que se fôsse outra vez com eles. E foi; e andou lá um bom pedaço, mas à tarde regressou, que o fizeram eles vir: e não o quiseram lá consentir. E deram-lhe arcos e setas; e não lhe tomaram nada do seu. Antes, disse ele, que lhe tomara um deles umas continhas amarelas que levava e fugia com elas, e ele se queixou e os outros foram logo após ele, e lhas tomaram e tornaram-lhas a dar; e então mandaram-no vir. Disse que não vira lá entre eles senão umas choupaninhas de rama verde e de feteiras muito grandes, como as de Entre-Douro e Minho. E assim nos tornamos às naus já quase noite, a dormir.

Segunda-feira, dia 27 de abril

Segunda-feira, depois de comer, saímos todos em terra a tomar água. Ali vieram então muitos; mas não tantos como as outras vezes. E traziam já muito poucos arcos. E estiveram um pouco afastados de nós; mas depois pouco a pouco misturaram-se conosco; e abraçavam-nos e folgavam; mas alguns deles esquivavam logo.

Comércio inicial

Ali davam alguns arcos por folhas de papel e por alguma capucinha velha e por qualquer coisa. E de tal maneira se passou a coisa que bem vinte ou trinta pessoas das nossas se foram com eles para onde outros muitos deles estavam com moças e mulheres. E trouxeram de lá muitos arcos e barretes de penas de aves, uns verdes, outros amarelos, dos quais creio que o Capitão há de mandar uma amostra a Vossa Alteza.

Os enfeites

E segundo diziam esses que lá tinham ido, brincaram com eles. Neste dia os vimos mais de perto e mais à nossa vontade, por andarmos quase misturados: uns andavam quartejados daquelas tinturas, outros de metade, outros de tanta feição (*de cores*) como em pano de ras, e todos os beijos furados, muitos com os ossos neles, e bastantes sem ossos. Alguns traziam uns ouriços verdes, de árvores, que na cor queriam parecer de castanheiras, embora fossem muito mais pequenos. E estavam cheios de uns grãos vermelhos, pequeninos que, esmagando-se entre os dedos, se desfaziam na tinta muito vermelha de que andavam tingidos. E quanto mais se molhavam, tanto mais vermelhos ficavam.

Todos andam rapados até por cima das orelhas; assim mesmo de sobancelhas e pestanas.

Trazem todos as testas, de fonte a fonte, tintas de tinturas preta, que parece uma fita preta de largura de dois dedos.

E o Capitão mandou aquele degredado Afonso Ribeiro e a outros dois degredados que fossem meter-se entre eles; e assim mesmo a Diogo Dias, por ser homem alegre, com que eles folgavam. E aos degredados ordenou que ficassem lá esta noite.

Visita à aldeia

Foram-se lá todos; e andavam entre eles. E segundo depois diziam, foram bem uma légua e meia a uma povoação, em que haveria nove ou dez casas, as quais diziam que eram tão compridas, cada uma, como esta nau Capitania. E eram de madeira, e das ilhargas de tábuas, e cobertas de palha, de razoável altura; e todas de um só espaço, sem repartição alguma, tinham de dentro muitos esteios; e de esteio a esteio uma rede atada com cabos em cada esteio, altas, em que dormiam. E de baixo, para se aquecerem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, uma numa extremidade, e outra na oposta. E diziam que em cada casa se recolhiam trinta ou quarenta pessoas, e que assim os encontraram; e que lhes deram de comer dos alimentos que tinham, a saber muito inhame, e outras sementes que na terra dá, que eles comem.

Trocas

E como se fazia tarde fizeram-nos logo todos tornar; e não quiseram que lá ficasse nenhum. E ainda, segundo diziam, queriam vir com eles. Resgataram lá por cascavéis e outras coisinhas de pouco valor, que levaram, papagaios vermelhos, muito grandes e formosos, e dois verdes pequeninos, e carapuças de penas verdes, e um pano de penas de muitas cores, espécie de tecido assaz belo, segundo Vossa Alteza todas estas coisas verá, porque o Capitão vo-las-á de mandar, segundo ele disse. E com isto vieram; e nós tornamo-nos às naus.

Terça-feira, dia 28 de abril

Terça-feira, depois de comer, fomos em terra, fazer lenha (*dar guarda de lenha*), e para levar roupa. Estavam na praia, quando chegamos, uns sessenta ou setenta, sem arcos e sem nada. Tanto que chegamos, vieram logo para nós, sem se esquivarem. E depois acudiram muitos, que seriam bem duzentos, todos sem arcos. E misturaram-se todos tanto conosco que uns nos ajudavam a acarretar lenha e metê-la nos batéis. E lutavam com os nossos, e tomavam com prazer.

A cruz

E enquanto fazíamos a lenha, construíram dois carpinteiros uma grande cruz de um pau que se ontem para isso cortara. Muitos deles vinham ali estar com os carpinteiros. E creio que o faziam mais para verem a ferramenta de ferro com que a faziam do que para verem a cruz, porque eles não tem coisa que de ferro seja, e cortam sua madeira e paus com pedras feitas como cunhas, metidas em um pau entre duas talas, mui bem atadas e por tal maneira que andam fortes, segundo diziam os homens que ontem (*foram*) às casas deles porque lhas viram lá. Era já a conversação deles conosco tanta que quase nos estornavam no que havíamos de fazer.

E o Capitão mandou a dois degredados e a Diego Dias que fossem lá à aldeia (e a outras se houvessem notícias delas) e que de modo algum viessem a dormir às naus, ainda que os mandassem embora. E assim se foram.

Papagaios

Enquanto andávamos nessa mata a cortar lenha, atravessavam alguns papagaios essas árvores; verdes uns, e pardos, outros, grandes e pequenos, de sorte que me parece que haverá muitos nesta terra. Todavia os que vi não seriam mais que nove ou dez, quando muito. Outras aves não vimos então, a não ser algumas pombas-seixeiras, e pareceram-se maiores bastante do que as de Portugal. Vários diziam

que viram rolas, mas eu não as vi. Todavia, segundo os arvoredos são mui muitos, e grandes, e de infinitas espécies, não duvido que por esse sertão haja muitas aves!

E cerca da noite nós volvemos para as naus com nossa lenha.

Arcos e setas

Eu creio, Senhor, que não dei ainda conta aqui a Vossa Alteza do feito de seus arcos e setas. Os arcos são pretos e comprimidos, e as setas (*também*) compridas; e os ferros delas são canas aparadas, conforme Vossa Alteza verá por alguns (*exemplares*) que creio que o Capitão a Ela há de enviar.

Quarta-feira, dia 29 de abril

Quarta-feira não fomos em terra, porque o Capitão andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejá-los e fazer levar às naus isso que cada um podia levar. Eles acudiram à praia, muitos, segundo das naus vimos.

Novos contactos

Seriam perto de trezentos, segundo (*disse*) Sancho de Tovar que para lá foi. Diogo Dias e Afonso Ribeiro, o degredado, aos quais

o Capitão ontem ordenava que de toda maneira lá dormissem, tinham voltado já de noite, por eles não quererem que lá ficassem. E traziam papagaios verdes; e outras aves pretas, quase como pegas, com a diferença de terem o bico branco e rabos curtos. E quando Sancho de Tovar recolheu à nau, queriam vir com ele, alguns; mas ele, não admitiu senão dois mancebos, bem-dispostos e homens de prol. Mandou pensar e curá-los mui bem essa noite. E comeram toda a ração que lhes deram, e mandou dar-lhes cama de lençóis, segundo ele disse. E dormiram e folgaram aquela noite. E não houve mais este dia para escrever seja.

Quinta-feira, dia 3o de abril

Quinta-feira, derradeiro (*dia*) de abril, comemos logo, quase pela manhã, e fomos em terra por mais lenha e água.

Dois hóspedes

E em querendo o Capitão sair desta nau, chegou Sancho de Tovar com seus dois hóspedes. E por ele ainda não ter comido, puseram-lhe toalhas, e veio-lhe comida. E comeu. Os hóspedes, sentaram-no cada um em sua cadeira. E de tudo quanto lhes deram, comeram mui bem, especialmente lacão cozido frio, e arroz. Não lhes deram vinho por Sancho de Tovar dizer que o não bebiam bem.

Acabado o comer, metemo-nos todos no batel, e eles conosco. Deu um grumete a um deles uma armadura grande de porco montês, bem revolta. E logo que a tomou meteu-a no beijo; e porque se lhe não queria segurar, deram-lhe uma pouca de cera vermelha. E ele ajeitou-lhe seu adereço da parte de trás de sorte que segurasse, e meteu-a no beijo, assim revolta para cima ; e ia tão contente com ela, como se tivesse uma grande jóia. E tanto que saímos em terra, foi-se logo com ela. E não tornou a aparecer lá.

Maior amizade

Andariam na praia, quando saímos, oito ou dez deles; e de aí a pouco começaram a vir (*mais*). E parece-me que viriam este dia à praia quatrocentos ou quatrocentos e cinqüenta. Alguns deles traziam arcos e setas; e deram tudo em troca de carapuças e por qualquer coisa que lhes davam. Comiam conosco do que lhes dávamos, e alguns deles bebiam vinho, ao passo que outros o não podiam beber. Mas quer-me parecer que, se os acostumarem, o hão de beber de boa vontade! Andavam todos tão bem-dispostos e tão bem-feitos e galantes com suas pinturas que agradavam. Acarretavam dessa lenha quanta podiam, com mil boas vontades, e levaram-na aos batéis. E estavam já mais mansos e seguros entre nós do que nós estávamos entre eles.

Arvoredo

Foi o Capitão com alguns de nós um pedaço por este arvoredo até um ribeiro grande, e de muita água, que ao nosso parecer é o mesmo que vem ter à praia, em que nós tomamos água. Ali descansamos um pedaço, bebendo e folgando, ao longo dele, entre esse arvoredo que é tanto e tamanho e tão basto e de tanta qualidade de folhagem que não se pode calcular. Há lá muitas palmeiras, de que colhemos muito e bons palmitos.

Reverência à cruz

Ao sairmos do batel, disse o Capitão que seria bom irmos em direitura à cruz que estava encostada a uma árvore junto ao rio a fim de ser colocada amanhã, sexta-feira, e que nos puséssemos todos de joelhos e a beijássemos para eles verem o acatamento que lhe tínhamos. E assim fizemos. E a esses dez ou doze que lá estavam, acenaram-lhe que fizessem o mesmo; e logo foram todos beijá-la.

Destino cristão

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os

entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade.

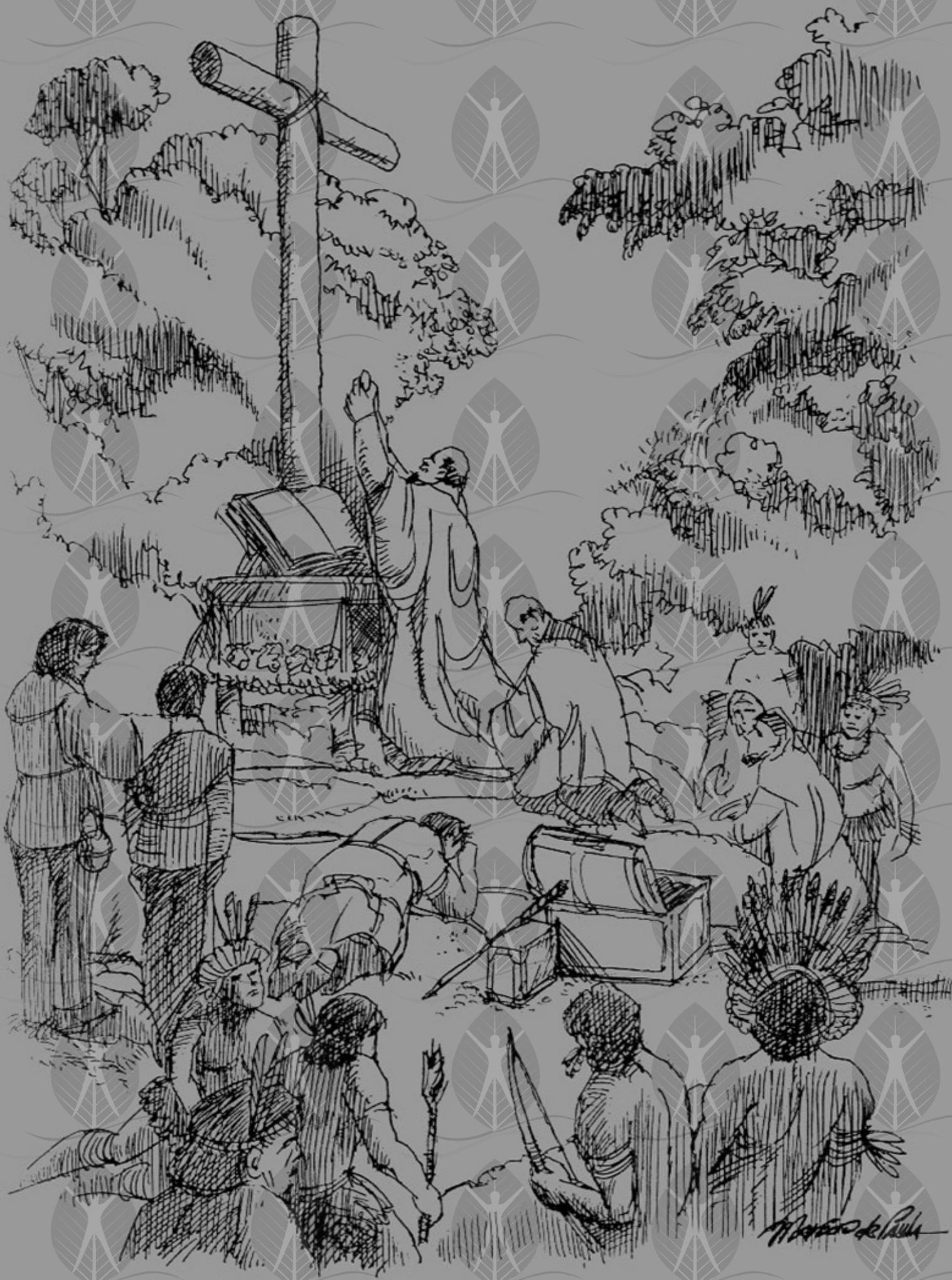
E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazera a Deus que com pouco trabalho seja assim!

Contraste

Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

Noite das naus

Nesse dia, enquanto ali andavam, dançaram e bailaram sempre com os nossos, ao som de um tamboril nosso, como se fossem mais amigos nossos do que nós seus. Se lhe a gente acenava, se que-



riam vir às naus aprontavam-se logo para isso, de modo tal, que se os convidáramos a todos, todos vieram. Porém não levamos esta noite as naus senão quatro ou cinco; a saber, o Capitão-mor, dois; e Simão de Miranda, um que já trazia por pajem; e Aires Gomes a outro, pajem também. Os que o Capitão trazia, era um deles um dos seus hóspedes que lhe haviam trazido a primeira vez quando aqui chegamos – o qual veio hoje aqui vestido na sua camisa, e com ele um seu irmão; e foram esta noite mui bem agasalhados tanto de comida como de cama, de colchões e lençóis, para os mais amansar.

Sexta-feira, dia 1.º de maio

E hoje que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã saímos em terra com nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio, contra o sul onde nos pareceu que seria melhor arvorar a cruz, para melhor ser vista.

A primeira missa de maio

E ali marcou o Capitão o sítio (*onde*) haviam de fazer a cova para a fincar. E enquanto a iam abrindo, ele com todos nós outros fomos pela cruz, rio abaixo onde ela estava. E com os religiosos e sacerdotes que cantavam, à frente, fomos trazendo-a dali, a modo de procissão. Eram já aí quantidade deles, uns setenta ou oitenta; e

quando nos assim viram chegar, alguns se foram meter debaixo dela, ajudar-nos. Passamos o rio, ao longo da praia, e fomos colocá-la onde havia de ficar, que será obra de dois tiros de besta (*distante*) do rio. Andando-se ali nisto, viram bem como cinqüenta, ou mais. Plantada a cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza, que primeiro lhe haviam pregado, armaram altar ao pé dela. Ali disse missa o padre Frei Henrique, a qual foi cantada e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram conosco, (*assistindo*) a ela, perto de cinqüenta ou sessenta deles, assentados todos de joelho assim como nós. E quando se veio ao Evangelho, que nos erguemos todos em pé, com as mãos levantadas, eles se levantaram conosco, e alçaram as mãos, estando assim até se chegar ao fim; e então tornaram-se a assentar, como nós. E quando levantaram a Deus, que nos pusemos de joelhos, eles se puseram assim como nós estávamos, com as mãos levantadas, e em tal maneira sossegados que certifico a Vossa Alteza que nos fez muita devoção.

O altar e o céu

Estiveram assim conosco até acabada a comunhão; e depois da comunhão, comungaram esses religiosos e sacerdotes; e o Capitão com alguns de nós outros. E alguns deles, por o Sol ser grande, levantaram-se enquanto estávamos comungando, e outros estiveram e ficaram. Um deles, homem de cinqüenta ou cinqüenta e cinco anos, se

conservou ali com aqueles que ficaram. Esse, enquanto assim estávamos, juntava aqueles que ali tinham ficado, e ainda chamava outros. E andando assim entre eles, falando-lhes, acenou com o dedo para o altar, e depois mostrou com o dedo o céu, como se lhes dissesse alguma coisa de bem; e nós assim o tomamos!

Sermão

Acabada a missa, tirou o padre a vestimenta de cima, e ficou na alva; e assim se subiu, junto ao altar, em uma cadeira; e ali nos pregou o Evangelho e dos Apóstolos cujo é o dia, tratando no fim da pregação desse vosso prosseguimento tão santo e virtuoso, (*de sorte*) que nos causou mais devoção.

Esses que estiveram sempre à pregação estavam assim como nós olhando para ele. E aquele que digo, chamava alguns, que viessem ali. Alguns vinham e outros iam-se; e acabada a pregação, trazia Nicolau Coelho muitas cruzes de estanho com crucifixos, que lhes ficaram ainda da outra vinda.

Atração da cruz

E houveram por bem que lançassem a cada um (*a*) sua ao pescoço. Por essa causa (*ou por essa coisa*) se assentou o padre Frei Henrique ao pé da cruz; e ali lançava a sua a todos – um a um – ao pescoço, atada em um fio, fazendo-lha primeiro beijar e levantar as

mãos. Vinham a isso muitos; e lançavam-nas todas, que seriam obra de quarenta ou cinqüenta. E isto acabado – era já bem uma hora depois do meio-dia – viemos às naus a comer, (*para*) onde o Capitão trouxe consigo aquele mesmo que fez aos outros aquele gesto para o altar e para o céu, (e um seu irmão com ele). Aquele fez muita honra e deu-lhe uma camisa mourisca; e ao outro uma camisa destoutras.

Inocência

E segundo o que a mim e a todos apareceu, esta gente, não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, do que entenderem-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer como nós mesmos; por onde pareceu a todos que nenhuma idolatria nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar onde que todos serão tornados e convertidos ao desejo de Vossa Alteza. E por isso, se alguém vier, não deixe logo de vir clérigo para os batizar; porque já então terão mais conhecimentos de nossa fé, pelos dois degredados que aqui entre eles ficam, os quais hoje também comungaram.

Entre todos estes que hoje vieram não veio mais que uma mulher, moça, a qual esteve sempre à missa, à qual deram um pano com que se cobrisse; e puseram-lho em volta dela. Todavia, ao sentar-se, não se lembrava de o estender muito para se cobrir. Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal que a de Adão não seria maior – com respeito ao pudor.

Ora veja Vossa Alteza quem em tal inocência vive se se converterá, ou não, se lhe ensinarem o que pertence à sua salvação.

Acabado isto, fomos perante eles beijar a cruz. E despedimo-nos e fomos comer.

Os grumetes

Creio, Senhor, com estes dois degredados que aqui ficam, ficarão mais dois grumetes, que esta noite se saíram em terra, desta nau, no esquife, fugidos, os quais não vieram mais. E cremos que ficarão aqui porque de manhã, prazendo a Deus fazemos nossa partida daqui.

Terra enorme

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até a outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos – terra que nos parecia muito extensa.

Graça e bondade

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro e Minho, porque neste tempo dagora assim os achávamos como os de lá. (As) águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute (*isso*) bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo.

O pedido

E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em outra qualquer coisa que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer

singular mercê, mande vir da Ilha de São Tomé a Jorge de Osório,
meu genro – o que d’Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza.

Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-
feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM



Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA